

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA NO ROMANCE *UM DEFEITO DE COR* DE ANA MARIA GONÇALVES

Ágatha Natacia Gomes Batista

Resumo

O artigo propõe uma análise dos aspectos da metaficção historiográfica, dentro do romance *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, publicado em 2006. O estudo segue de acordo com os direcionamentos teóricos de Bonnici (2012), Dalcastagné (2005), Linda Hutcheon (1991), Patrícia Waugh (1984) sendo possível entender o fenômeno da metaficção e metaficção historiográfica no referido romance. O romance oscila entre fatos históricos e ficcionais, no sentido de compor narrativas híbridas. O trabalho aborda a importância de escritos afro-brasileiros como *Um defeito de cor*, obras que compõem uma escrita que dispõe o espaço para as vozes dos ex-cêntricos Jacomel (2008), os discursos não-hegemônicos dos marginalizados, colocando-os em primeiro plano nas narrativas, a fim de (re)contar as próprias histórias do passado e refletir sobre o presente. Com isso, o trabalho analisa a construção da personagem Kehinde no romance, e que fatores foram motivados por meio da sua memória, levando leitores a construir autorreflexões sobre a história e a identidade do povo brasileiro e sobre a escrita afro-brasileira, seguindo as formulações teóricas de Ângela Davis (2016), Conceição Evaristo (2009), Cuti (2010), Eduardo Assis Duarte (2018).

Palavras-chave: Um defeito de cor, Ana Maria Gonçalves, literatura afro-brasileira, metaficção, metaficção historiográfica

Abstract

This article proposes an analysis of the aspects of historiographical metafiction in Ana Maria Gonçalves' novel *Um defeito de cor*, published in 2006. The study follows the theoretical guidelines of Bonnici (2012), Dalcastagné (2005), Linda Hutcheon (1991) and Patrícia Waugh (1984), making it possible to understand the phenomenon of metafiction and historiographical metafiction in the novel. The novel oscillates between historical and fictional facts, in the sense of composing hybrid narratives. The work addresses the importance of Afro-Brazilian writings such as *Um defeito de cor*, works that make up a writing that makes space for the voices of the ex-centric Jacomel (2008), the non-hegemonic discourses of the marginalized, placing them in the foreground of the narratives, in order to (re)tell their own stories of the past and reflect on the present. With this in mind, the work analyzes the construction of the character Kehinde in the novel, and what factors were motivated through her memory, leading readers to construct self-reflections on the history and identity of the Brazilian people and on Afro-Brazilian writing, following the theoretical formulations of Ângela Davis (2016), Conceição Evaristo (2009), Cuti (2010), Eduardo Assis Duarte (2018).

Keywords: A defect of color, Ana Maria Gonçalves, Afro-Brazilian literature, metafiction, historiographical

Introdução

O romance *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves propõe uma visão crítica da dimensão do passado e a construção multirracial do território brasileiro no século XIX. Sua primeira publicação, *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002), que conta a história da personagem Ana, que cansada da agitação da cidade de São Paulo, decide mudar para uma pequena Ilha em Salvador, sonhando com o amor. Foi por meio de pesquisas e o processo de escrita do romance citado acima, que Ana Maria Gonçalves passa pelo momento de *serendipidade* “situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados” (Gonçalves, 2006, p.9).

Ana Maria Gonçalves, em algumas de suas trajetórias pela Bahia, desperta o interesse em escrever histórias que se relacionassem com o passado daquele espaço. Foi então que em uma pesquisa sobre cultura, história, aconteceu a *serendipidade*, gerando *Um defeito de cor*, dessa forma o romance “*Um defeito de cor*, é fruto da serendipidade. Ele não contém uma história, como também é consequência de uma outra história” (Gonçalves, 2006, p.9). O romance vendeu bastante e foi distribuído por grandes editoras, a escritora passou a se dedicar à literatura e ao fenômeno cultural da diáspora africana, a partir dos estudos e pesquisas.

Um defeito de cor, encena em primeira pessoa a trajetória de Kehinde, desde que foi escravizada aos oito anos de idade, até o momento em que ela se encontra como uma mulher livre e retorna à África. O romance constrói uma história pelo olhar e pela voz de uma negra, apresentando elementos que levantam inúmeros questionamentos sobre a história, o não dito, e o espaço imagético em que o marginalizado pode falar e é ouvido (Kunz, 2022). Os procedimentos narrativos das obras de Ana Maria Gonçalves, problematizam a construção do discurso histórico que nos direcionam a associar ao fenômeno da metaficção historiográfica.

A narrativa ficcional de Ana Maria Gonçalves, para além de construir diálogos com o passado escravista no Brasil, focaliza uma narrativa que evidencia a subjetividade do espaço íntimo dos narradores e personagens negros, reelaborando a visão e colocando como cerne principal a vivência e/ou a memória do negro no Brasil. *Um defeito de cor* fortalece também a importância de obras literárias afro-brasileiras, ativando o protagonismo e a autoria negra, ao produzir uma narração que reconhece a representatividade de uma cultura e de um povo que teve e tem o seu discurso silenciado por muitos anos, e que agora está sendo reescrito.

1. A escrita da resistência: uma literatura afro-brasileira

A matriz étnica africana é uma das responsáveis por moldar a diversidade cultural brasileira. Toda a colaboração herdada ao longo dos séculos, pela resistência dos afrodescendentes, auxiliou no mosaico da arte do país, mostrando o processo de interrelação entre duas culturas, o que segundo Duarte chama de “processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural” (DUARTE, 2018, p.3). Ainda temos uma sociedade que não considera totalmente a relevância da literatura afro-brasileira, uma forma que autores negros encontram para “instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas.” (EVARISTO, 2009, p.17) Seja em prosa ou verso, a literatura afro-brasileira propõe a perspectiva étnico-racial como central, pretendendo em suas produções questionar o racismo no Brasil, e obter a valorização das raízes por meio da literatura, realizando uma “escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009, p.17).

A busca pelo reconhecimento da literatura afro-brasileira em pleno século XXI ainda é bastante corriqueira, felizmente o *corpus* da literatura afro-brasileira tem adquirido inúmeros escritos que abordam e reescrevem as histórias e memórias do povo negro. Vale destacar que a escrita de autoria negra de poetas e ficcionistas como os escritores Domingos Caldas Barbosa, Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, já haviam marcado com obras o cânone literário, com a “pretensão, também de forma crítica, examinar a literatura como um espaço que possibilita formas de representações desses personagens” (SILVA, 2013, S/P). Personagens estes que eram conotados de um comportamento de passividade, inação e leniência, (Silva, 2013). Já de acordo com Cuti, a literatura negra traz “a marca de uma experiência de vida distinta do estabelecido. A emoção – inimiga dos pretensos intelectuais neutros – entra em campo, arrastando dores antigas e desatando silêncios enferrujados. É a poesia do negro brasileiro consciente” (CUTI, 1995, p. 16).

A literatura afro-brasileira evidencia a resistência, as reivindicações e as denúncias das condições de um povo que sofreu o processo escravização no Brasil, que resulta na desvalorização dos valores artísticos, impostas por uma sociedade opressora, na qual, o preconceito sustenta deslegitimação dos valores artísticos de escritos produzidos por autores negros, que exibem “a memória” e que “nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais” (CUTI, 2010, p. 87, 89). Ana Maria Gonçalves e outros inúmeros autores negros, ao provocarem o (des) silenciamento e o

posicionamento dos sujeitos marginalizados pela sociedade, acaba resgatando histórias sob os escombros do esquecimento, articulando o “artifício reformulador de identidade, que consiste na revisão da literatura” (KUNZ, 2002, p. 221) de forma que acaba construindo uma narrativa que expõe eventos ficcionais a partir de acontecimentos que integram a história e a subjetividade do povo negro.

A literatura negra começa no dado momento em que o negro se volta para si (o seu eu) contando as suas experiências particulares. O “eu” negro já se torna visível com Luiz Gama, nascido em Salvador, negro mestiço, filho de um fidalgo baiano e de uma africana livre que nunca quis ser batizada em solo brasileiro. Luiz Gama apresenta as suas experiências particulares de homem negro em um de seus primeiros escritos o poema *Bodarrada* (1859). Alimentando o cerne das primeiras aparições da literatura afro-brasileira, o poema aborda os problemas da identidade e subjetividade através da representação dos “sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros” tal ponto é norteador e “aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro” (CUTI, 2010, p. 87, 89).

A literatura afro-brasileira carrega elementos da autoria no que se relaciona com as experiências dos escritores como indivíduo negro no Brasil, tendo total propriedade em assumir a temática sobre o povo negro e a sua história, como afirma Eduardo de Assis “É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população” (DUARTE, 2008, p.12). A potência na linguagem da literatura afro-brasileira, tem sido uma forma de denúncia sobre escravização e suas consequências além do direcionamento para uma concepção e o reconhecimento cultural e consciência social “marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil” (DUARTE, 2010, p.131)

A linguagem da escrita negra pós-modernista, colocam à frente a ideia de expor como tema principal a visão e o discurso dos negros, sucedendo um (des) silenciamento dos tais, tornando-os relevantes para a escrita afro-brasileira não-hegemônica, ao abranger a importância cultural da história do Brasil, por meio da representatividade do próprio negro, visualizando uma linguagem que esboça o anseio da liberdade física como também a liberdade da mente em colocar nos escritos o que foi vivido e não foi publicizado. A liberdade de expor o acervo da cultura africana introduzida na cultura brasileira como forma de herança e resistência:

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo. (EVARISTO, 2009, p.19)

O resgate da cultura negra, não se limita apenas ao campo literário, ela se expande nas outras esferas culturais como na cinematografia e na música, nas quais o negro é colocado como peça principal de resistência para o desenvolver da identidade brasileira. A música de Elza Soares *A carne* (2002) é um exemplo disso, sendo produzida e cantada por uma mulher negra, fugindo dos padrões. A música da Elza Soares e de uma gama de artistas negros brasileiros, cumprem o papel de “ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional” (DUARTE, 2010, p.113), compondo um discurso artístico que:

se manifesta de forma autônoma [...] assumindo posicionamentos que autorizam a repensar e a questionar a recorrência do emprego de uma linguagem limitadora das ações de personagens negros, conseguindo, através desse redimensionamento, empreender a busca de um resgate cultural. (SILVA, 2013, S/P)

Uma cultura que foi coberta e apagada, expressa, portanto, sua contrariedade através de uma “semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua.” (DUARTE, 2010, p.131) A escrita dos romances afro-brasileiro opera uma visão alternativa do processo de construção do discurso histórico do Brasil, ao colocar como narradores e personagens, vozes que permanecem relegadas a segundo plano. Gonçalves, ao ceder o controle da narrativa da história para uma personagem feminina e negra, que em obras passadas aparece como personagem secundário, desconfigura o discurso da hegemonia literária, pois a personagem colocada como núcleo principal da narrativa, por meio da sua subjetividade, expõe e questiona fatos sociais e históricos que caíram no esquecimento ou foram negligenciados por manifestações culturais de base eurocêntrica e elitista.

Um defeito de cor com uma mesclagem do ficcional e eventos históricos reais, rompe com o ciclo do silêncio, tornando-se uma narrativa que trabalha com o “contradiscurso” Evaristo (2009). Todavia, é notório que mesmo dentro de um espaço reduzido no campo literário, Ana Maria Gonçalves e escritores negros como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Luiz Gama, Conceição Evaristo, Jeferson Tenório e outros, têm publicado e mostrado em suas obras essa revisão/releitura e realizado o desnudamento histórico da população negra.

1.2.Desnudamento do fazer literário: ficção sobre a ficção

O fenômeno da metaficção, artifício presente na literatura pós-moderna, se trata de um fenômeno que faz uso do artifício da metalinguagem. A linguagem da metaficção é a própria ficção, é uma arte que provoca um desnudamento do fazer artístico, coloca em destaque todo processo criador do artista, expondo a sua linguagem e os seus artifícios de construção. De acordo com Patrícia Waugh:

Metaficção é o termo dado à escrita ficcional que, de forma autoconsciente e sistemática, chama atenção para seu status de artefato a fim de propor questionamentos sobre a relação entre ficção e realidade. Promovendo uma crítica de seus próprios métodos de construção (WAUGH, 1985, p.2)

A pós-modernidade se esquia dos valores e regras, mostrando uma desconstrução dos processos artísticos. Textos metaficcionais “descontroem para reconstruir” aquilo que era invisível como o autor e a sua própria criação, se torna visível: “Tudo o que era ligado ao contexto extraliterário, como o autor e a própria criação artística, é transferido para o universo ficcional, rompendo-se, portanto, com determinadas “convenções” (KOBS, 2006, p.03). Os escritos aproximam os leitores dos eventos narrativos, ao realizar a desmistificação dos processos de composição do texto literário em meio ao próprio desenvolvimento da narrativa: “ao mesmo tempo, realidade e ficção” (KOBS, 2006, p.04).

A pós-modernidade, levanta uma problematização acerca dos discursos oficiais, articulando, por vias metaficcionais, produtos artísticos que são marcados pela autoconsciência, autorrepresentação e/ou autorreflexividade, a fim de modificar paradigmas de produção, recepção, interpretação dos textos: “Em seu aspecto exterior, poderia parecer que o principal interesse do pós-modernismo são os processos de sua própria produção e recepção” (HUTCHEON, 1991, p.40). Os elementos diegéticos como espaço, tempo são articulados dentro dos enredos “representação da realidade pela arte, isto é, demanda renovações na teoria e na crítica literárias” (SILVA, 2017, p.48)

A metaficção, segundo Linda Hutcheon, não tem—como objetivo representar o “produto”, mas sim, representar e mostrar o “processo” de criação: “Metaficção ainda é ficção, a despeito da mudança da narração do produto para processo de si. Autorrepresentação ainda é representação” (HUTCHEON, 1991, p.39).

O jogo metaficcional articula um processo do desnudamento da arte, a partir de aspectos como autorreflexividade, autoconsciência e autorrepresentação, que se expressam por meio do “voltar sobre si mesma, das formas espelhadas, das estruturas em abismo e da convocação do

leitor nos diversos níveis interpretativos, em maior grau, são marcas da escritura metaficcional da pós-modernidade." (SALES, 2017, p.26). Segundo Hutcheon:

Há textos que são [...] diegeticamente autoconscientes, isto é, conscientes de seus próprios processos narrativos. Outros que são linguisticamente autorreflexivos, demonstrando sua consciência sobre os limites e as potencialidades de sua própria linguagem. No primeiro caso, o texto apresenta a si mesmo como diegese, como narrativa; no segundo, ele se revela como texto, linguagem (HUTCHEON, 1991, p.23)

Os procedimentos metaficcionais, ao expor o processo criador, acabam articulando uma crítica acerca das limitações que estão presentes nos artifícios narrativos diante dos aspectos linguísticos e estruturais. As estratégias metaficcionais vão para além dos procedimentos “padrões”, pois tendem a mostrar a desconstrução da linguagem a fim de expor a realidade do processo criador da literatura, desenvolvendo questionamentos reflexivos sobre a relação entre ficção e realidade, como afirma Patrícia Waugh (1984):

Metaficção é o termo dado à escrita ficcional que, de forma autoconsciente e sistemática, chama atenção para seu status de artefato a fim de propor questionamentos sobre a relação entre ficção e realidade. Promovendo uma crítica de seus próprios métodos de construção, esses textos não examinam apenas as estruturas fundamentais da narrativa ficcional, eles também exploram a possível ficcionalidade do mundo exterior ao texto literário" (WAUGH, 1985, p.2)

O discurso da metaficção tem como ideia (re)descobrir o processo de criação da literatura e da arte, a fim de expô-los ao receptor (ao leitor) e direcioná-lo para um olhar menos convencional, adquirindo mais autonomia em relação à interpretação da produção metaficcional que é ambígua, multifacetada e rompe com a ordem estabelecida introduzindo um elemento de surpresa, e induzir o homem a enxergar além daquela ordem (CUTI, 1985, p.25). Como afirma (Bernardo, 2010), a metaficção tem por pretensão levar aos leitores a ter consciência do processo de composição da narrativa ficcional a partir da exposição de seus mecanismos .

1.3. A ficcionalização da historiografia

A metaficção historiográfica é uma estratégia de composição literária que se apropria de discursos filosóficos, históricos, teóricos e ficcionais para compor as narrativas. A escritora e estudiosa Linda Hutcheon vem a trazer esse conceito como forma (re) contar a história a partir de pontos de vista distintos. Como afirma Linda Hutcheon em seu livro *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, ficção e história

[...] são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção, esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria história e a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo. (Hutcheon, 1991, p. 142).

A metaficção historiográfica realiza uma ficcionalização de eventos e/ou figuras históricas, que transitam de forma fictícia dentro das narrativas ficcionais, fazendo uso da paródia no processo que Linda Hutcheon chama de “continuidade”, buscando “uma reconsideração da idéia de origem ou originalidade” (HUTCHEON, 1991, p.28).

O fenômeno da metaficção historiográfica também se realiza a partir da intertextualidade, que estabelece um aproveitamento ficcional de outros textos (literários ou não), com a pretensão de “reforçar temática e formalmente a mensagem do texto ou atacar ironicamente quaisquer pretensões de autoridade ou legitimidade tomadas por empréstimo” (Hutcheon, 1991, p.174). Tal empréstimo da historiografia dentro do universo ficcional, por exemplo, vai servir como caminho para refletir e problematizar as histórias consideradas únicas, esse processo é colocado nas mãos dos próprios personagens e dos narradores, os mesmos interrompem a fim de abrir uma discussão do que está sendo narrado, ao se tratar de fatos históricos, que estão sendo inseridos no próprio romance.

A multiplicidade dos narradores é outra marca trabalhada pelo fenômeno da metaficção historiográfica. A dramatização do fazer literário na própria história, a partir da mescla de personagens fictícios e personagens reais que participam ativamente dos eventos narrativos, suscitando reflexões aos leitores: “personagens de ficção e personagens históricos também pode ter uma função na problematização da natureza do sujeito no sentido de que ela ressalta a inevitável contextualização do eu na história e na sociedade” (HUTCHEON, 1991, p.116).

A historiografia na ficção levanta dúvidas acerca no processo de criação das obras, por contar com a “autenticidade e a inautenticidade” pois ao passo que o processo da metaficção historiográfica tende a reescrever o passado, se torna o mesmo processo que no passado realizava os historiadores. Para Hutcheon, isso impede que tanto a história como a literatura sejam conclusivas e teleológicas, ou seja, a relação da escrita com o fato sempre é questionável” (HUTCHEON, *apoud* JACOMEL, 2008, p.424)

Textos literários que se desenvolvem a partir da metaficção historiográfica, tendem a destacar personagens excêntricos, e realizar um desnudamento do passado, em que “os

protagonistas da metaficção historiográfica podem ser tudo [...] são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional” (Hutcheon, 1991, p.151). A partir disso, é possível considerar a relação entre metaficção historiográfica e literatura afro-brasileira, pois a literatura afro-brasileira vem com o intuito de destacar essas figuras, e principalmente recontar e reescrever o passado; por sua vez, “metaficções historiográficas se voltam para outras implicações do ato de reescrever a história.” (HUTCHEON, 1991, p.147).

A metaficção historiográfica permeia produções da literatura afro-brasileira contemporânea, desenvolvendo escritas da contemporaneidade brasileira a partir de histórias que problematizam a si mesmas, reavaliando o discurso historiográfico, a partir da imbricação da narrativa histórica com a ficção literária. No âmbito da literatura brasileira na década de 80, surgem obras que articulam, no âmbito da ficção, reflexões, relatos e vivências de pessoas que sofreram o exílio, a escravização e até mesmo (auto) biografias, em obras de autores como Graciliano Ramos, Manoel de Barros, Érico Veríssimo e Ana Maria Gonçalves, que com *Um defeito de cor*, busca (re)construir eventos da história do povo negro no Brasil. As narrativas afro-brasileiras revivem a história e carregam em sua estrutura alguns elementos ficcionais a partir de subsídios do passado que sejam esclarecedores para o presente.

2. Virtudes de uma narrativa

Através da personagem Kehinde, Ana Maria Gonçalves dá voz a uma mulher negra idosa, cuja história e perspectivas são muitas vezes ignoradas ou apagadas nos registros históricos convencionais. Com a história de Kehinde, a autora humaniza e resgata a complexidade das experiências individuais e coletivas da população negra, destacando a importância de se reconhecer e valorizar a diversidade cultural e étnica do Brasil.

Ana Maria Gonçalves em meio às pesquisas históricas, adotou a personagem Kehinde para ser uma representação fictícia da figura lendária Luiza Mahin ou Luiza Gama. Vejamos o trecho do romance no momento em que a personagem Kehinde, recebe em batismo o nome Luiza, “Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto” (GONÇALVES, 200, p. 73). A autora tinha indícios, escritos que levavam a história da heroína Luiza Mahin, ela que no período colonial se tornou uma figura bastante importante na busca da liberdade do povo negro, participando ativamente na Revolta do Mâles – uma das maiores revoltas históricas do Brasil contra a escravidão. Ana Maria realiza a indicação já no prólogo do romance:

(...) uma escrava muito especial, alguém de cuja existência não se tem confirmação, pelo menos até o momento em que escrevo esta introdução.

Especula-se que ela pode ser apenas uma lenda, inventada pela necessidade que os escravos tinham de acreditar em heróis, ou, no caso, em heroínas, que apareciam para salvá-los da condição desumana em que viviam. (GONÇALVES, 2010, p. 16)

Além de ser considerada uma heroína, Luiza Mahin também é considerada a mãe do brasileiro Luiz Gama, escritor e advogado, “Pensei também no nome que daria ao bebê. Havia um nome no ar que eu ainda não tinha conseguido entender, e se o Alberto insistisse em dar o nome de branco de Luiz, eu concordaria, mas também daria outro nome, um nome africano [...]” (GONÇALVES, 2006, p.278-279). Tornando o romance ainda mais próximo ao mesclar a realidade com o mundo ficcional, reforçando o processo de verossimilhança, com a história de duas pessoas importantes da historiografia brasileira, Luisa Mahin e Luiz Gama:

Um homem inteligente e batalhador que, tendo nascido de uma negra e de um fidalgo português que nunca o reconheceu como filho, conseguiu se tornar advogado e passou a vida defendendo aqueles que não tiveram a sorte ou as oportunidades que ele tão bem soube aproveitar. O que você vai ler agora talvez seja a história da mãe deste homem respeitado e admirado pelas maiores inteligências de sua época, como Rui Barbosa, Raul Pompéia e Silvio Romero. Mas também pode não ser. E é bom que a dúvida prevaleça até que, pelo estudo do manuscrito, todas as possibilidades sejam descartadas ou confirmadas, levando-se em conta o grande número de coincidências, como nomes, datas e situações. Torço para que seja verdade, para que seja ela própria a pessoa que viveu e relatou quase tudo o que você vai ler neste livro. Não pela história, que não desejo a ninguém, e logo você vai saber por quê. (GONÇALVES, 2006, p. 17).

Ao explorar os temas do racismo, da violência e da resistência, *Um defeito de cor* convida o leitor a refletir sobre as questões fundamentais da identidade afro-brasileira e da construção da memória coletiva das diversas virtudes construídas por Kehinde ao longo da narrativa. Ana Maria Gonçalves desafia estereótipos e questiona as narrativas históricas que negligenciam a perspectiva negra, proporcionando uma reflexão profunda sobre a experiência negra no Brasil,

A trajetória de Kehinde leva os leitores a refletir sobre a história e a identidade do povo brasileiro podendo-se associar ao espelho, quando a história que é narrada reflete muitas histórias reais. Kehinde é uma personagem fictícia, mas suas experiências são profundamente entrelaçadas com a história real da escravidão no Brasil. O romance recria eventos históricos e insere a personagem em momentos-chave da história colonial, desde a captura de Kehinde e de sua irmã na África até sua chegada ao Brasil e suas vivências como escravizada (JÚNIOR; SOUZA, 2011).

A protagonista Kehinde já revela ali nos primeiros passos da narrativa a primeira marca de violência registrada de forma psicológica, no momento em que a mesma presencia a morte do seu irmão e o estupro e morte da sua mãe, violência praticada por tribos africanas em busca do poder:

Um dos guerreiros, que até então tinha ficado apenas olhando e sorrindo, chegou bem perto do Kokumo e enfiou a lança na barriga dele. Eu me lembro do sangue que saiu da boca do meu irmão e espirrou na roupa do guerreiro, e continuou a escorrer mesmo depois que o jogaram no chão, com a cara virada para baixo. O sangue imediatamente formou um riozinho, daqueles turvos e de água espessa, como os que recebem muita água de chuva na cabeceira. (GONÇALVES, 2006, p.22-23)

Desse momento em diante, a vida de Kehinde é carregada de marcas, que foram determinadas pela sua cor. Ela foi sequestrada juntamente com a sua avó e irmã Taiwo, e transportadas em condições desumanas no navio negroiro:

Descemos dois lances de uma escada estreita e escura, iluminada apenas pela tocha de um guarda que ia à frente, mostrando o caminho. O navio tinha dois porões, e o de baixo, onde fomos colocadas, era um pouco menor que o de cima, pelo qual passamos sem parar. Também não tinha qualquer entrada de luz ou de ar (...). A comida começou a apodrecer por todo o chão do navio, porque muitos, e eu também, já não tínhamos mais apetite, e ao cheiro dela se juntava o cheiro de xixi, de merda, de sangue, de vômito e de pus. (GONÇALVES, 2006, p.45-56)

Pode-se apontar que uma das maiores marcas de dor e humilhação, foi no ato da violência sexual sofrida por Kehinde, o corpo da mesma passa a ser degradado, erotizado e vulnerável diante da tal situação:

Eu queria morrer, mas continuava mais viva que nunca, sentindo a dor do corte na boca, o peso do corpo do sinhô José Carlos sobre o meu e os movimentos do membro dele dentro da minha racha, que mais pareciam chibatadas. Eu queria morrer e sair sorrindo, dançando e cantando, como minha mãe tinha feito [...]. De todo o resto que aconteceu depois, só tomei consciência quatro ou cinco meses mais tarde, quando meu filho começou a mexer dentro da minha barriga. (GONÇALVES, 2006, p. 171-173).

Ao realizar o desnudamento das principais fases em que o corpo negro feminino da personagem/narradora Kehinde teve que enfrentar ao longo de toda narrativa, podemos perceber que a personagem se encaixa na teoria de corpos que fazem parte da tipologia das narrativas do século XX, que segundo os estudos de Xavier (2007) personagens como Kehinde adquirem

inúmeras categorias corpóreas, principalmente na sua situação como escrava, sendo um corpo marcado pela subalternidade, invisibilidade, imobilizado, degradado, refletido, erotizado e liberto (XAVIER, 2007).

2.1. A maternidade: a mulher negra pejada

A maternidade negra na história brasileira é carregada de negação e abandono da sua própria linhagem, as mães negras escravizadas eram obrigadas a renegar o ato de serem mães dos próprios filhos “Sei de muitas mulheres que, ao se saberem pejadas e conscientes de que a única vida que poderiam dar aos filhos era a que elas próprias tinham, na escravidão, preferiam que não nascessem” (GONÇALVES, 2006, p.123).

Kehinde assim como outras mulheres negras, deveria ser um corpo útil para as tarefas, como também deveria servir sexualmente aos abusos constates dos senhores, abusos estes que geravam a gravidez, mas no período escravocrata, as mulheres negras não tinham o direito de exercer o papel de serem mães, segundo Angela Davis (2016, S/P) as mulheres negras eram vistas como “ferramentas de serviços”, mulheres a quem “era atribuído apenas o poder de gerar mais mão-de-obra através do trabalho reprodutivo”.

Geralmente, mulheres negras preferiam não ter filhos devido à situação de escravidão, pois até as crianças eram colocadas em risco: “[...] as vasilhas eram altas e as crianças mais baixas tinham que se equilibrar na ponta dos pés para conseguirem fazer o serviço, correndo o risco de se apoiar na caldeira, ela virar e o óleo fervente escorrer, levando junto a pele, a carne e até os ossos.” (GONÇALVES, 2009, p. 84). O trecho nos mostra, o motivo da decisão de milhares de mulheres negras interromperem a gravidez ou abandonarem os filhos, pois não queriam aquela “vida” para os seus filhos.

O romance nos mostra o quanto a mulher negra era submetida aos caprichos dos homens branco, mostrando também que é a representação da realidade vivida por inúmeras outras mulheres negras escravizadas no passado, visto que, diante da escravização, da situação de não-pertencimento e de dominação violenta de sua subjetividade, a “mulher negra passe a ser vista como um corpo pronto para servir e ser dominado – um corpo objeto” (ROSSINI, 2014, p.48), vejamos no trecho do romance em que a personagem Kehinde era colocada constantemente na condição de submissão e corpo objeto:

[...] o sinhô José Carlos me derrubou na esteira, com um tapa no rosto, e depois pulou em cima de mim com o membro já duro e escapando pela abertura da calça, que ele nem se deu ao trabalho de tirar. Eu encarava os olhos mortos do

Lourenço enquanto o sinhô levantava a minha saia e me abria as pernas com todo o peso do seu corpo. (GONÇALVES, 2009, p. 121)

O trecho acima evidencia a exploração sexual como mais uma forma de subjugação das mulheres negras, além do trabalho forçado e de outras opressões que enfrentavam cotidianamente e a dominação sobre elas “[...] nunca dizendo nada que não fosse perguntado, nunca fazendo o que não fosse pedido e nunca desobedecendo ou questionando, mesmo quando achasse que uma ordem estava errada ou injusta” (GONÇALVES, 2006, p.76).

A partir das reflexões de Angela Davis (2016), compreende-se que a condição de trabalhadoras compulsórias das mulheres negras na escravidão eclipsava qualquer outro aspecto de suas vidas. Essa apreciação do papel das mulheres negras como trabalhadoras é claramente retratada na narrativa de Kehinde: o trabalho duro e exaustivo é imposto sem que se levasse em consideração suas condições para tal. Corriqueiramente, em uma sociedade racista e patriarcal, a figura da mulher branca já não tinha espaço em sociedade, a mulher negra e escrava pertencia ainda menos a um lugar em sociedade, como afirma “à mulher negra era muito inferior, em razão do próprio imaginário de inferioridade sobre seu gênero e fenótipo, baseado em ideologias excludentes, ficando ela, assim, colocada à margem da sociedade” (ROSSINI, 2014, p.10).

Kehinde, apesar de ter sofrido situações desumanizadoras como violência sexual, física e danos morais, encarou a gravidez como forma de reviver novamente pelo seu filho, a gravidez mostrou a importância de continuar lutando e buscando alternativas para o sentido da existência humana naquele período: “Foi só na hora em que ele se mexeu que entendi que estava viva e queria continuar viva. Se não por mim, pelo menos por ele, a quem imediatamente comecei a chamar de Banjokô” (GONÇALVES, 2006, p. 171-173). O primeiro filho de Kehinde, foi fruto do estupro, e mesmo sendo gerado de forma violenta, tornou-se uma válvula de escape, um motivo para ela lutar pela vida e pelo filho.

Dessa forma, a análise crítica da personagem Kehinde e sua inserção na narrativa de *Um defeito de cor* revela a representação vívida das experiências das mulheres negras escravizadas, abordando temas como trabalho forçado, violência sexual, desumanização e negação de direitos básicos. Através da comparação entre a escrita de Luiz Silva (Cuti) e Ana Maria Gonçalves, é possível observar diferentes abordagens na representação das vivências das personagens negras, mas ambas destacam a opressão, a resistência e a resiliência dessas comunidades historicamente marginalizadas (BERND, 2014).

2.2. Entrelaçamento entre a diáspora e a resiliência

A palavra “diáspora” vem do verbo grego *speiro* que significa “semear” e “disseminar”. Tradicionalmente, a diáspora designou raízes, terra (ponto de origem atual ou imaginado) e parentesco (comunidade local e grupo globalmente dispersado): a perda do país natal e o desejo de volta.” (WALTER, 2009, p. 42-43), tendo como primeira associação a dispersão forçada dos judeus pelo mundo, desestruturando a organização social desse povo, mas logo em seguida estabeleceram uma comparação com os povos africanos que tiveram o mesmo destino.

O sujeito diaspórico sofre uma bifurcação na identidade, ele acaba tendo que gerenciar a sua identidade original que é colocada como “retrógrada, sem importância e estática” (SOARES, 2017, p.106) e tendo que assumir a identidade e cultura do outro, para que assim, fossem reconhecidos como um indivíduo válido naquele espaço. A diáspora, neste contexto, é entendida como o deslocamento forçado de milhares de africanos para a América e Europa, através do tráfico transatlântico de escravos.

Um defeito de cor reflete também os impactos devastadores desse processo, mostrando a desumanização, a violência e a opressão enfrentadas pelos personagens ao longo da história (FERREIRA; CARBONIERI, 2019). Outra marca registrada no corpo da personagem Kehinde, foi ser um indivíduo diaspórico, um ser que se torna indivíduo múltiplo, passa a conviver e direcionar duas culturas diferentes. O sujeito diaspórico articula duas culturas, chegando até a se adaptar a elas “(...) mesmo já estando acostumada aos santos dos brancos e tendo simpatia por alguns deles, como São Benedito, que era preto como nós” (GONÇALVES, 2006, p.90).

Mesmo simpatizando por algumas tradições culturais, a personagem Kehinde e alguns dos outros personagens da narrativa, como Esméria, demonstram que não renegam as suas origens. De maneira bastante cuidadosa, continuam cultuando seus símbolos religiosos, como é possível perceber na passagem em que a personagem descobre que os objetos dos cultos africanos continuam integrado a experiência coletiva:

Ela me ajudou a cavar um buraco no local onde estava a minha esteira, suficientemente fundo para atingir a base da parede que entrava para dentro da terra (...) foi assim que descobri como os pretos guardavam os seus santos, escondidos dos olhos dos brancos, e que todas aquelas paredes já deviam estar apoiadas em quase nada. Até a Esméria tinha lá os seus orixás (...), como São Benedito, que era preto como nós, ou Nossa Senhora da Conceição, que se reza como Iemanjá, assim como São Jorge é Xangô e Santo Antônio é Ogum, ou São Cosme e São Damião, que são os Ibêjis.” (GONÇALVES, 2019, p.90)

O indivíduo diaspórico se conscientiza de que sua cultura é subjugada pelo poder dominante, mas permanece ligado a seus valores ancestrais, o que se evidencia como forma de resistência.

Em meio a essa realidade cruel, a ideia de resiliência se torna fundamental na narrativa. A resiliência é entendida como a capacidade de resistir, adaptar-se e superar situações adversas. No contexto da diáspora africana, as personagens enfrentam inúmeras dificuldades e traumas, mas encontram formas de se manterem fortes e preservarem sua identidade e cultura.

Kehinde, a protagonista do romance, personifica essa resiliência ao longo de sua jornada, o termo “resiliência” se torna uma mola propulsora para o desenvolvimento da mesma, em uma sociedade sem espaço para uma mulher negra, mas ela luta contra isso e luta pelo seu espaço social, pois como afirma Evaristo (2010):

“quando uma mulher do povo, uma mulher que nasce num espaço que é marcado justamente por relações de subalternidade, quando essa mulher rompe com esse espaço pra se colocar num outro lugar, que não é o lugar que é reservado pra ela [...], eu acho que isso já é um ato de insubordinação (EVARISTO, 2010, entrevista).

Kehinde pode ser colocada como um corpo insubordinado, quando não se entrega à condição que lhe é imposta, pois mesmo ela se encontrando em situação de subalternidade, e mesmo diante das condições desumanas da escravidão, ela demonstra uma incrível capacidade de se reinventar, de resistir às opressões e de preservar sua essência (SILVA, 2020). Podemos perceber sua capacidade de resiliência no momento em que a mesma não deixa que a sua situação como escrava a impeça de aprender a ler e escrever, direito que era negado às pessoas escravizadas:

Fiquei muito feliz por poder assistir às aulas na qualidade de acompanhante da sinhazinha, e tratei de aproveitar muito bem a oportunidade [...]. As três horas de aula todas as tardes passaram a ser para mim as mais felizes do dia, as mais esperadas [...]. Eu e a sinhazinha passávamos a maior parte do tempo no quarto, ela fingindo estudar e eu estudando de fato, com os livros que não estavam em uso (GONÇALVES, 2006, p.92-93).

Em diversos momentos da história, o romance revela a importância da resiliência como um mecanismo de sobrevivência e empoderamento para os indivíduos que vivenciam a diáspora. Além disso, *Um defeito de cor* também mostra como a diáspora africana influenciou a formação da identidade cultural brasileira. A cultura preservada pelos africanos escravizados

contribuiu para a criação de uma cultura híbrida, permeada por elementos africanos, indígenas e europeus. O romance evidencia a resiliência das comunidades afro-brasileiras, que, mesmo diante de todas as adversidades, conseguiram preservar e transmitir suas tradições, religiões e valores ao longo dos séculos.

A pesquisadora e professora Eurídice Figueiredo utiliza o conceito de resiliência para descrever o comportamento de Kehinde. Esse conceito foi introduzido por psicólogos a partir dos anos 1970 e refere-se ao processo pelo qual certas pessoas demonstram uma notável capacidade de se adaptar, mesmo em condições extremamente adversas ou após enfrentarem traumas significativos (FIGUEIREDO, 2010, p. 174-175). Em outras palavras, indivíduos resilientes geralmente possuem características associadas à inteligência, inventividade e/ou criatividade, que os auxiliam a transformar situações desfavoráveis em oportunidades para uma vida melhor.

Tais características estão presentes e notáveis na composição da personagem Kehinde: a inteligência quando a mesma por conta própria e ajuda do professor Fatumbi aprendeu a ler e escrever: “Enquanto a sinhazinha Maria Clara copiava as letras e os números que o professor Fatumbi desenhava no quadro-negro, eu fazia a mesma coisa com o dedo, usando o chão como caderno”. A inventividade e criatividade, quando Kehinde abriu o seu próprio negócio, vendendo *cookies*: “os cookies tinham feito tanto sucesso que eu tinha vendido tudo, e levei mais tempo do que imaginava para produzir uma nova fornada”. Foi com as vendas dos *cookies* que Kehinde conseguiu boa parte do dinheiro para pagar a carta de alforria e sustentar o seu filho Banjokô.

As pessoas reagem de maneiras distintas diante de adversidades. No contexto da escravidão, a noção de resiliência é contrastada com o conceito de *banzo* “estado de depressão psicológica que se apossava do africano logo após o seu desembarque no Brasil. Geralmente o que caíam nessa situação de nostalgia profunda terminavam morrendo” (MOURA, 2005, p.63) uma condição psicológica que afligia os negros, mergulhando-os em profunda melancolia devido à saudade, à aculturação e ao desejo de retornar à África, levando alguns ao trágico desfecho do suicídio”.

Kehinde, sem dúvida alguma, é um exemplo evidente de resiliência, ao chegar no Brasil, recusa-se a ser batizada, a adotar um novo nome ou uma nova religião, mas usa esses recursos sempre que lhe convêm. Ao observar que os retornados estavam vivendo em condições mais favoráveis, ela finalmente decide adotar o nome Luísa. Além disso, quando cansada de procurar por seu filho desaparecido, decide fazer uma viagem de volta à África. Seus dois filhos gêmeos, fruto de seu relacionamento com seu último marido, o inglês John, também recebem nomes

brasileiros ao nascerem na África. Da mesma forma, ela é responsável por difundir os costumes brasileiros que tantas vezes recusou. É assim que ela se torna uma das principais organizadoras da festa do Bonfim na África e estabelece sua própria empresa, chamada Casas da Bahia, planejando e construindo casas no estilo europeu para os africanos mais prósperos, seguindo o padrão adotado no Brasil, e destacar a sua participação na Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador em 1835.

A perspicácia da narradora-protagonista se manifesta logo em sua chegada ao Brasil, quando percebe que precisa ser vendida o mais rápido possível para evitar morrer de fome ou doença no armazém de escravos. Enquanto alguns já se mostravam indiferentes ao seu destino, ela começa a dançar no ar, mostrando os dentes, a língua e as solas dos pés, chamando a atenção do senhor José Carlos e garantindo sua compra no mesmo dia:

Corri para ele e me apressei a fazer todo o procedimento, o que me valeu uma chicoteada de reprimenda por parte do empregado, mas também algumas risadas de todos que estavam prestando atenção. (...) consegui arrancar uma gargalhada daquele que seria meu futuro dono (...). Dava um salto, levantava os braços, mostrava a planta dos pés, punha a língua para fora, berrava, corria ao redor de um círculo imaginário, me agachava e ficava de pé, dava pulos no ar e repetia tudo em seguida.” (GONÇALVES, 2006, p.72).

O romance *Um defeito de cor* estabelece uma relação profunda entre diáspora, resiliência e identidade cultural. Ao construir a jornada de Kehinde e sua luta contra a opressão, o livro revela a importância da resiliência como um elemento fundamental para a sobrevivência e resistência das comunidades diaspóricas. Além disso, o romance destaca como a diáspora africana contribuiu para a formação da diversidade cultural brasileira, evidenciando a capacidade de resiliência das comunidades afrodescendentes na preservação de suas raízes e na construção de uma identidade própria.

2.3. Um romance histórico: ancestralidade

*Quando não souberes para onde ir,
olha para trás e saiba pelo menos de onde vens.*
(Provérbio africano)

A força que surge da raiz extraída das memórias dos negros e que foi suprimido, negligenciado ou distorcido pela história oficial. Em obras de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves e outros escritores, essa força impulsiona o resgate da cultura negra e afro-brasileira,

assim como a construção e afirmação dessas culturas. O resgate da historiografia e personagens históricos, vem entrelaçado nas vozes a fim de recontar o passado dentro do universo ficcional, a história oficial encontra um espaço de resistência, denúncia e busca pela identidade. Segundo Linda Hutcheon:

A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (HUTCHEON, 1991, p. 21-22).

Indubitavelmente, tanto Evaristo quanto Gonçalves buscam incessantemente as "pegadas" da ancestralidade e o resgate do que por muito tempo foi negligenciado. Zilá Bernd nos esclarece que "A noção de vestígio ou rastro pode ser definida como a presença de uma ausência" (BERND, 2012, p.33). Isso configura para nós uma forma de violência simbólica, presente tanto nas obras de Conceição Evaristo, quanto nas de Ana Maria Gonçalves, influenciada pela condição de gênero e raça. Segundo Spivak, "se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade" (2010, p.85).

É na tentativa de dar voz e reunir as "pegadas" do passado, estabelecidas a partir do caos da escravidão, que a personagem Kehinde e as vozes femininas nos poemas de Conceição Evaristo ganham força como sujeitos ativos que não se resignam diante das adversidades. Mesmo à margem, elas lutam por suas identidades e crenças. Kehinde, narradora de *Um defeito de cor*, recusa-se ser batizada ao pular no mar antes de desembarcar em terras estrangeiras e só recebe o nome de Luísa ao ser comprada pelo fazendeiro José Carlos em Itaparica.

A fé nos orixás e nos voduns permanece inabalável, mesmo diante da imposição da religião católica aos escravos durante o período colonial, "disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com alma pagã" (GONÇALVES, 2006, p.63). Além da fé transmitida pela ancestralidade, como podemos perceber pelas palavras da narradora ao dizer: "pois tinha ouvido os conselhos da minha avó", Kehinde se preocupa em preservar os costumes e valorizar as tradições culturais orais. Como uma personagem *griots*¹, a narradora conta sua história, que vai além de uma simples narrativa de testemunho. Podemos afirmar que as personagens de Conceição Evaristo também se enquadram nessa perspectiva, como personagens griots, conforme afirmam em suas próprias

¹ os "griots" (dizemos griôs) e "griottes" (mulheres) são contadores de histórias, muito sábios e respeitados nas comunidades onde vivem: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml>

falas. A escrita delas é uma "escrevivência", como a autora descreve em relação ao seu processo de escrita: "Mas sempre digo que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância" (EVARISTO, 2007, p. 19). No poema *Voz-mulheres*, o eu-lírico reflete a memória vivida por uma escrava:

Voz-mulheres
A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

(EVARISTO)

Tanto Evaristo quanto Gonçalves transbordam em suas obras a tradição oral, de ouvir e contar, assim como os griots africanos. Ao utilizar a tradição oral e a memória, ou os vestígios dela, como base para a construção narrativa, ambas as autoras adotam o olhar da mulher negra, que mesmo sendo “uma mulher que, apesar da experiência da escravidão, coloca-se como centro da história, insiste em narrar a si mesma, não permitindo que ninguém conte a história que é dela (VASCONCELOS, 2014, p. 172), que recorre às lembranças para desmistificar estereótipos históricos e literários. Elas constroem personagens profundas, tratando de questões identitárias, étnicas e de gênero não apenas como pano de fundo, mas como uma manifestação e denúncia da opressão e violência. Suas obras revelam as vítimas que sofreram e ainda sofrem com diferentes violações dos direitos humanos, assim como com a violência física e simbólica (EVARISTO, 2007, p.19).

A narrativa de Ana Maria Gonçalves é cuidadosamente construída, com um estilo que valoriza a complexidade e a profundidade das emoções e experiências dos personagens. Sua escrita também é marcada por uma abordagem crítica, explorando questões sociais, históricas e culturais com sensibilidade e profundidade.

Ana Maria Gonçalves busca uma conexão mais profunda, explorando questões importantes e representando vozes marginalizadas. Sua escrita desafia as convenções literárias, buscando representar a diversidade e a complexidade da experiência humana, especialmente daqueles que foram historicamente silenciados.

Considerações finais

O romance *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, se destaca como uma obra representativa da experiência afro-brasileira. Ao abordar questões centrais relacionadas à vivência afrodescendente no Brasil, apresenta a história de Kehinde, personagem principal, que nos guia por uma jornada marcada pela opressão, superação e resiliência (SILVA, 2012). A temática afro-brasileira é explorada de forma profunda e impactante ao longo da narrativa. A autora aborda questões como a escravidão, a luta pela liberdade, a resistência cultural, a construção da identidade e a busca por reconhecimento. Esses temas centrais ressoam com as vivências históricas do povo afro-brasileiro, trazendo à tona histórias e experiências frequentemente silenciadas (SANTOS, 2016).

O contexto histórico desempenha um papel fundamental na obra. *Um defeito de cor* é ambientado em diferentes períodos, desde o século XVIII até o XIX, abrangendo momentos cruciais da história brasileira. Através de uma minuciosa pesquisa histórica, a autora contextualiza a narrativa de maneira vívida e realista, retratando os eventos sociais e históricos que moldaram a experiência afro-brasileira. Isso permite ao leitor imergir nos desafios, nas injustiças e nas lutas enfrentadas pelos personagens ao longo do tempo.

Além disso, o romance dá voz às personagens marginalizadas e silenciadas pela história oficial, aspecto que conseguimos presenciar no fenômeno da metaficção historiográfica, seguindo a linha de Linda Hutcheon (1991). Ana Maria Gonçalves utiliza de uma voz não-hegemônica para oferecer uma visão mais ampla e autêntica da experiência afro-brasileira, escravizados, mulheres negras e pessoas excluídas socialmente encontram espaço na narrativa, proporcionando uma perspectiva que vai além dos estereótipos e preconceitos. Essas vozes trazem à tona histórias individuais e coletivas, revelando a diversidade de vivências e trajetórias no contexto da afrodescendência.

Um defeito de cor é uma obra literária que contribui significativamente para a representatividade da literatura afro-brasileira. Através de sua temática impactante, e do contexto histórico detalhado e vozes marginalizadas, Ana Maria desafia as narrativas dominantes e oferece uma perspectiva mais inclusiva e empoderadora. A pesquisa compreende que o romance contribui para a valorização da diversidade cultural e para a ampliação do cânone literário, ao dar visibilidade e voz àqueles que por muito tempo foram excluídos e invisibilizados resgatando a historiografia brasileira. *Um defeito de cor* em suas 968 páginas é um testemunho poderoso da experiência, resistência, saliência do povo negro, sendo uma obra que enriquece a literatura com sua autenticidade e relevância.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. **Romance Memorial (ou Familiar) e Memória Cultural: a necessidade de transmitir em Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves**. Organon. Porto Alegre, RS. Vol. 29, n. 57 (jul./dez. 2014), f. 15-27, 2014.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- CUTI. **Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos**. In: QUILOMBHOJE (Org.) *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra Brasileira do Estado de São Paulo, 1995.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, p. 113-137, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Brasília. 2008.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teroias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 25, n. 13, p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**
- FERREIRA, Laís Maíra; CARBONIERI, Divanize. **A representação da diáspora em Um defeito de cor**. Revista Alere, v. 20, n. 2, p. 127-152, 2019.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **As (re)escritas da memória da escravidão: questões teóricas**. In: *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo : História, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991. 319 p.
- JOCOMEL, Mirele Carolina Werneque. **Tecendo o avesso da história pela metaficção historiográfica**. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 421-460, jul./dez. 2008
- JUNIOR, Marcelo Cruz Dalcom; SOUZA, Lícia Soares. **Nas entrelinhas de um defeito de Cor: Desvio, discursos históricos e literários**. In: XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. 2011. p. 1-10.

KOBS, Verônica Daniel . **A Metaficção e seus Paradoxos: Da Desconstrução à Reconstrução do Mundo Real/Ficcional e das Convenções Literárias**. Scripta UNIANDRADE , p. 02-19, 2006.

KUNZ, Maria Cristina Vianna. **A metaficção historiográfica em História do Cerco de Lisboa**. – Revista do CESP – v. 22, n. 30 – jan.-jun. 2002. p.199-224.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. Edusp, 2005.

PENALVA, Liozina Kauana. **MEMÓRIA, HISTÓRIA E RESILIÊNCIA, EM UM DEFEITO DE COR**. Anais do VIII SAPPIL-Estudos de Literatura, v. 1, n. 1, 2017.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira Rossini. **A representação caleidoscópica da corporalidade da mulher negra em Um defeito de cor**. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

SOARES, Karla Andrea. **DIÁSPORA, IDENTIDADE E DESLOCAMENTOS EM DANY LAFERRIÈRE**. Grau Zero - Revista de Crítica Cultural, [s. l], v. 2, n. 5, p. 105-123, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

SILVA, Adriana Minervina. **Literatura e Resiliência: uma leitura decolonial de Kehinde em “um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves**. XIII Encontro Estadual de História: Narrativas em Disputa. Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

SILVA, Amauri Rodrigues da. **Presença e silêncio da colônia à pós-modernidade: sina-is do personagem negro na literatura brasileira**. 3. ed. Brasília: Editora Kiron, 2013.

SILVA, Ana Maria Vieira. **Um defeito de cor: escritas da memória, marcas da história**. Anais do SILIAFRO, v. 1, n. 1, p. 31-46, 2012.

SOARES, Karla Andrea. **DIÁSPORA, IDENTIDADE E DESLOCAMENTOS EM DANY LAFERRIÈRE**. Grau Zero - Revista de Crítica Cultural, [s. l], v. 2, n. 5, p. 105-123, 2017.

SALES, Paulo Alberto da Silva. **META-HISTÓRIA, METAFICÇÃO E METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA: UMA REVISÃO CRÍTICA**. Revista Ícone. 2017.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira de. **No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas**. 2014. 228 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

Waugh, Patricia. **Metafiction: The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction** . Londres/Nova York: Routledge, 1985

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

WALTER, Roland Gerhard Mike. **Afro-América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas**. Recife: Bagaço, 2009.